

Há muitas coisas belas na terra, mas nada iguala a recordação de um dia de Verão que declina, e temos onze anos e sabemos que o dia seguinte é fundamental para que os nossos desejos se cumpram. Quem conservar este sentimento pela vida fora está predestinado a um triunfo, talvez um tanto sedentário, mas que tem o seu reino no coração das pessoas. O coração das pessoas! Queremos dizer, em regra, a sua fantasia, equivalente a uma fraqueza, ou mórbido impulso de ceder perante os outros. Mas é, na verdade, a sua aspiração a um amor desesperado das realidades da vida, diferentes da maneira em que elas se cumprem.

Manuela Torri — Olga Manuela Torri — tinha onze anos e um corpo opulento de mulher-feita. Vivia em Casal Pedro, nos lugares populosos do rio Ave, e havia nela uma candura perigosa como um veneno. A inocência é a mais excepcional e a mais temível das estruturas humanas. Não significa nada para a maior parte dos europeus, e todavia eles não hesitam em considerá-la sua inimiga; pois é certo que há uma espécie de fatalidade fácil no que é inocente. Ela nada concede, e tudo modifica. Não é propriamente uma virtude, não actua no sentido do progresso e da cultura; apenas conserva a alucinação dos indivíduos como algo que é importante para subverter o sentido da morte e do azar.

O nome de Torri, ainda que herdado pelo lado materno, fora o que prevalecera na família. A mãe de Nel, Glória Torri, era alta e bem-parecida, ainda que nessa data fosse já uma mulher

demasiado pesada, com pálpebras lisas caindo como uma concha sobre os olhos estreitos. A sua origem entroncava numa raça sul-americana, e das quatro irmãs Torri era ela a única que conservava o tipo índio andaluz, de cabelos pretos e lisos, azulados na raiz. Tinha um porte soberbo e dava a impressão de que algo de primitivo subsistia nela, algo que produzia uma espécie de distração profunda na sua natureza mal desabrochada na civilização. A sua inteligência era limitada, ou antes, não se desenvolvera devido talvez à indolência, vivida não como um vício, mas como um atributo verdadeiramente real. Ela gostava extraordinariamente de comer e, de certa maneira, isso constituía um atractivo na sua envergadura mandibular e poderosa. Parecia uma dessas flores carnívoras de que se fala nos livrinhos de expedicionários tropicais, para regalo dos antigos escolares solitários e dos reformados.

A senhora Torri casara com um grande proprietário rural, desses que havia e ainda há na província mirífica do Norte, jogadores e boémios e que viviam num chalé dentro dum parque, com buganvílias africanas a cair nos muros desbotados. Ele era uma pessoa risonha e enigmática, sempre absorvida por negócios e aparentando uma vida de grande actividade nada relacionada com a lavoura. De facto, acordava às duas horas da tarde e almoçava um bife em sangue antes de sair para o Porto, onde se demorava em conversas magistras nos pequenos clubes clandestinos de jogo. Convivia com uma gente especial que preferia a noite, a confidência viril sobre assuntos de finanças e de lucros e que não parecia muito interessada por mulheres. Na realidade, achavam-nas dispendiosas e pouco compensadoras.

Manuel dos Passos Pereira, o pai de Nel, tinha cumprido com o seu dever político no tempo da 1.<sup>a</sup> República. Ele admirara Afonso Costa até à idolatria, e consumira o seu ideal num breve proselitismo sobre o qual pusera uma pedra quando aquele homem público caíra. Fora uma febre de dedicação, igual à que têm muitos portugueses circunscritos ao regime paternalista e à sua consequente emancipação. Passos Pereira, idealista aos quarenta anos, quando obtivera sossego na vida para o poder ser, pois ti-

vera uma juventude adversa e aventureira, transitou naturalmente na carreira do idealismo, que é honrar a memória sem nada sacrificar à utopia. Casou tarde, o que, como ele dizia, era a melhor maneira de se ser feliz mais tempo — o tempo do celibato, expressamente.

A casa dos Torri era, se não pantagruélica, pelo menos duma abundância flamenga. Os almoços de domingo impressionavam pela fartura, e Góia Torri constituía um espectáculo a comer grandes quantidades de trutas, perdizes, lebres e vitela assada. Havia quem se introduzisse na sala de jantar com o pretexto de dar um recado, só para a ver servir-se de feijão-branco com orelheira. O suor corria pelo seu belo rosto, e ela devorava pratos de arroz à inglesa com diversos molhos picantes. Estava muitas vezes presente a sua irmã Virgínia, que era pobre e criara com dificuldades a filha Eneida, bonita criança um pouco marcada pela separação dos pais. Era tão inteligente quanto dissimulada; mas ligava-a a Nel uma amizade quase cruel pelo muito que ambas consumiam dos pequenos corações que invocavam ainda deuses desconhecidos. Eram crianças mal-amadas, como quase todas são. Nesse tempo da sua adolescência não havia muita psicologia, excepto a que permitia a confissão das quintas-feiras e o concílio das tias e das criadas antigas, aberto nas épocas climatéricas. O resto era um viver ordenado em siglas de medo e de inspiração. Os complexos existiam, mas conduziam os desejos no sentido da ópera e do romance, mais do que em direcção ao divã dos psiquiatras. A ópera morreu, assim, com Freud e com Reich. Até Shakespeare sofreu um pouco na sua teatralidade quando o Mouro de Veneza se definiu como um ciumento obsessivo, mais comprometido à erótica de Iago do que à paixão por Desdémóna. Góia Torri não dispunha de psicologia — só de sintomas. Grande e maciça como era, dava no entanto uma impressão de fragilidade. Ela não despertava grandes sentimentos, só talvez uma espécie de duradoura consciência de que algo nela era inacabado e sem solução.

Os Torri viviam numa propriedade entre Casal Pedro e Bagunte, numa zona privilegiada da província costeira, com ramadas de

uva morangueira e bouças magníficas onde borbilhava uma água invisível. Se isto fosse uma história de costumes, eu não avançava além destas paragens. Elas estão para lá do facto concreto, sobrepõem-se a uma realidade inteligente, conspiram com o demonismo que faz dos costumes o recurso do meio ambiente para ser sincero com a natureza. Lugares como estes não tinham sido ainda devassados nem pela topografia nem pela indústria; embora as margens do Ave já começassem a alojar uma civilização de burgueses que pareciam saídos directamente do quadro duma França eleitoral de Stendhal — além disso, havia uma igreja toscana, espécie de consulado espiritual dum tecelão que fez viagens. Mas tudo o mais era ainda rural, pluvioso e murado. Predominava um matriarcado flexível perante a melancolia imaginosa dos homens, que os levava a ser às vezes sedutores, outras vezes a emigrarem. Cultivava-se o milho e criava-se gado, tudo em termos de insuficiente perícia.

A casa dos Torri tinha um ar patético com os seus azulejos e a escada em leque e um torreão donde em dias claros se via o mar. Em 1925 acrescentou-se ao corpo principal uma sala de jogos munida dum bilhar russo. Foi por essa data que Passos Pereira se casou e trouxe a mulher para Casal Pedro. Ela vivera até aí na capital com as irmãs, educadas num estilo musicólogo e pedante, mas essencialmente rotineiro nos seus contratos sociais. Florinda, a mais nova, casou-se logo a seguir no Porto, e só ficou na casa da Rua do Salitre Eunice, que desfrutou de longa vida, mercê em parte duma sensibilidade estereotipada, apoiada em aforismos. Todavia era uma mulher prestável, disciplinada e que não gostava de se indispor com ninguém. Na altura em que esta história principia, ela tinha trinta e seis anos e continuava a colecionar programas de concertos com a elementar divagação de que era capaz, e o facto de não incomodar ninguém contribuía para que a esquecessem com certa gratidão.

Mas uma história nunca principia. Ela permanece incubada ou precipita-se, e na realidade vive mais nas suas hipóteses do que na sua evolução concreta. Se assim não fosse, não podíamos considerar como seres vivos tantas pessoas que deambulam entre

ocupações mesquinhas e os resultados irrisórios, tanto económicos como morais. Essa gente que parece couraçada contra a monotonia é, no entanto, resistente ao desgaste duma existência nula com só criar a sua intervenção fabulosa no mundo das possibilidades humanas. Quanta bela mulher não prefere a discreta forma de arriscar, que é protelar as ilusões! E aqui as ilusões não são verdades falsas, mas a margem de confissão absoluta que nenhuma opção real podia suportar. Quem não se compromete na dinâmica da sua actualidade fica livre para usufruir a sua própria história convertida ao princípio e ao fim de todos os tempos.

Mas se quisermos dar um princípio a esta narrativa escolheremos a era de amizade amorosa entre Nel e Eneida. Eram duas meninas de idade aproximada e muito contrárias no aspecto exterior e no espírito. Possuíam ambas, é certo, uma forma de autoridade moral que resultava do prazer do mando ou das mil tentativas do ressentimento para se fazer aceitar sem demasiado perigo. A sua incorruptibilidade assentava numa proposta tirânica. Grandes maneiras para tão débeis presenças!

Nel e Eneida conviveram muito durante a infância e entendiam-se perfeitamente nas suas imaginações. Costumavam viver nas suas brincadeiras as novelas que adaptavam do cinema. Nel sempre desempenhava o papel em que cabia mais orgulho; Eneida, aquele que exigia mais obediência e coragem física. Assim ficaram pela vida fora dependentes dessa imagem de mútuos consentimentos e propostas, em que se completava o binómio humano do chefe que organiza e do capitão que executa. Era uma espécie de amor clássico que a torrente da existência conduz a múltiplas transfigurações — sociais, políticas e metafísicas.

As brincadeiras de Verão decorriam naquelas matas onde derubavam os ramos as austrálias sobre as presas. A água morta e escura reflectia alguma ave que buscava o ninho, um corvo de grito errante, uma arvéola de frio *roce* nas saibreiras donde caía de repente um areão amarelo fazendo fugir as rãs. No Inverno, abriam as malas velhas de couro ardido pelo calor, de correias gretadas e rótulos de algum hotel de Paris ou Hendaia. Saíam de lá torrentes de flor de pano, véus e luvas salpicadas de ferrugem.